

# O HERALDO

BI-SEMANARIO REPUBLICANO DEMOCRATICO

DIRETORES E PROPRIETARIOS:—LYSTER FRANCO E JOÃO PEDRO DE SOUSA

Administrador, — J. P. Sousa — Editor, — L. Franco

Publica-se ás quartas e sábados

Redação, administração, composição e impressão

Tipografia Democratica, Rua 1.º de Dezembro — FARO

ASSINATURAS: — Trimestre 500 réis = COMUNICADOS E ANUNCIOS: — Cada linha 20 réis. Para a 1.ª e 2.ª pagina contrato especial. Publicam-se todas as informações de interesse geral.

Politica nacional

## ODIOS E DESPEITOS

Na ancia criminosa de prejudicar as novas instituições, levantando obstáculos ao regular funcionamento da vida nacional, continuam os monarquistas e os despeitados a maldizer da moralidade da Republica, incitando o povo a criticar as suas leis e a revoltar-se contra elas

Até aqui, serviu de pasto á indigna exploração dos inimigos do regimen essa grande lei, que, separando a igreja do estado, libertou a consciencia do povo,—essa esplendida lei que muitos pretendiam amesquinhar, sem ao menos a terem assimilado, sem ao menos a terem lido, e alguns outros desejaram ferir, sem razões de direito ou de moral atinentes á propria lei, mas unica e simplesmente por despeitos e ambições egoistas, por invejas e odios pesoados alvejados ao seu autor.

Estão no primeiro caso, todos esses patriotas que, depois de saborearem á tarde uma chavena de café, disputam logares nas cadeiras das Havanezas, onde passam duas ou tres horas criticando malevolamente a humanidade e os seus costumes, a Republica e as suas leis.

Está no segundo caso o patriarca do evolucionismo, que, sancionando a lei, *sem lhe ter encontrado defeitos*, e descobrindo-lhe depois umas ligeiras arestas, anuncia agora que o seu congresso, o proximo congresso do seu partido a vae discutir e aperfeiçoar!

E tudo porque? Porque os primeiros nunca se preocuparam com o estudo nem mesmo com a simples leitura da lei, e porque o segundo não quiz jamais respeitar a honestidade politica do seu adversario.

Pois é o que sucede presentemente com a lei de 15 de fevereiro, que trata da contribuição predial. Esta lei tem sido nos ultimos dias o pretexto das mais torpes e criminosas explorações politicas, e essas villissimas explorações ou vêm dos monarquistas que, sem terem lido a mesma lei, a criticam no intuito de desacreditarem a Republica, ou vêm do marechal evolucionista, que, na sua imprensa, comete o grande crime de dificultar a governação honesta do paiz, arrastado unicamente pela inveja e pela irrisoria ambição do poder.

E uns e outros, fazendo mal á ideia democratica, fazendo mal á orientação produtiva do ministerio presidido pelo dr. Afonso Costa, influem poderosamente para o desprestigio das instituições e para o descredito da moralidade nacional. Por outro lado, os que assim procedem, ou não tem amor ao seu paiz e desejam entrega-lo á dominação das gentes estranhas, ou não tem a verdadeira consciencia das suas responsabilidades politicas.

O nosso paiz tem a absoluta ne-

cessidade de fomentar uma reconstrução economica e financeira, e portanto devem os nossos governos trabalhar afincadamente para a solução de todos os problemas que digam respeito a esses dois ramos da administração vital.

Ora, estorvar a iniciativa dos que se dispõem a trabalhar, tendo em mira o engrandecimento do paiz, é evidentemente um crime de lesa-patria, que de modo nenhum se pode justificar pelos odios que nascem quer da divergencia de principios constitucionaes, quer da simples dissidencia de principios partidarios.

Todos nós sabemos até onde chegava, em tempos da monarchia, a imoralidade dos processos e dos funcionarios publicos, na distribuição dos impostos: era um atentado aos mais rudimentares principios da justiça e um poderoso embaraço ao fomento da riqueza nacional.

Os pequenos proprietarios, esses que mal tinham rendimentos com que pudessem bendizer o seu trabalho e resistir ás mais ingentes necessidades da vida, eram positivamente aqueles sobre quem recaiam maiores encargos; e entretanto, os verdadeiros proprietarios, os colossos do paiz, olhavam de soslaio para as grandes miserias, e, entre espiraes de fumo e o doce espirito dos licores, saboreavam as iniquidades com que se mantinham os seus privilegios.

A' face desta lei, todas essas iniquidades caíram por terra. E assim, aqueles que regavam com lagrimas de sangue o produto do seu trabalho, deixarão de sofrer as atribuições que lhes causava a dura necessidade do pagamento dos seus impostos; e os outros, os grandes proprietarios, que tão habituados se sentiam ao regimen dos privilegios, hão de pagar na justa proporção das riquezas que tiverem.

E' isto o que deve ser, e o que a lei da contribuição predial tão honesta e patrioticamente dispõe.

E tenham os monarquistas e os despeitados a certeza de que o povo, estando já certificado do patriotismo e nobreza de caracter que presidiu á feitura desta lei, saberá repelir a afronta que se faz á moralidade dos principios tributarios em que se baseiam as grandes medidas financeiras do atual ministerio.

### CAÑCIONEIRO DO POVO

Rapazas, tomae nota,  
Rapazes não vos fieis,  
Cantigas leva-as o vento,  
Carnas de amor são papeis.

Quem tiver filhos pequenos  
Por força tem que cantar:  
Quantas vezes as mães cantam  
Com vontade de chorar!

Quando as contas do rosario  
Forem abraços e beijos,  
Apezar de ser ateu,  
Resarei os meus desejos.

### NOTAS E COMENTARIOS

#### Dr. Nobre Ribeiro

Foi nomeado administrador do concelho de Odemira o nosso dedicado amigo e prestimoso correligionario sr. dr. Francisco José Nobre Ribeiro.

O seu belo caracter e a sua esclarecida inteligencia são penhores seguros de que o nosso querido amigo desempenhará a contento de todas as funções do seu espinhoso cargo.

Abraçamo-lo muito cordealmente.

#### Fatalidades

A filarmónica *União Republicana* promoveu nesta cidade, no Teatro Circo, uma conferencia que versou a respeito do *Credito Agricola*.

Esta conferencia, que por falta de numero, já fôra adiada uma vez, teve lugar no domingo, pelas quatorze horas.

Apezar dos reclamos de variadas cores, esteve a conferencia em risco de ser novamente adiada, porque, em virtude de faltarem ouvintes, nem o proprio conferente queria aparecer.

Mas á ultima hora tudo se resolveu. Assistiram á conferencia muito poucas pessoas que, logo ás primeiras palavras do conferente, saíram á formiga, deixando a casa ás moscas. Até os proprios porteiros, cheios de sono e rogando mil pragas á sua sorte, resolveram sair, entregando ao conferente as chaves das portas, afim de que ele as fechasse quando, aborrecido de si proprio, batesse em retirada, para ir agradecer aos seus correligionarios as bodas em que o meteram, sem ao menos lhe haverem arranjado uma *cláquesinha* de meia duzia de gaieteiros que pudessem fazer até ao fim as honras da casa.

Depois deste valente fiasco, digam lá que a filarmónica vae deitar novos fardamentos, a ver se nós acreditamos!

#### A força do habito

Passaram as ruas da cidade a tomar o aspeto das coisas mais nojentas deste mundo. Em toda a parte se veem porcarias amontoadas, animaes apodrecidos, valetas imundas...

Bem se vê que a illustre vereação municipal só teve cuidado nas ruas, enquanto se falou dos jornalistas inglezes!

#### Contrastes

Por mais que se tenha insistido, não ha meio de conseguir da administração dos caminhos de ferro do Estado umas lampadas electricas para a gare da estação de Faro.

E' realmente o que ha de mais espantoso! E andam então os jornaes a dizer que os aumentos de receita nas linhas do Sul e Sueste são extraordinarios!

O que parece incrível é que as receitas cresçam e as poucas vergonhas continuem!

#### O que eles são

Os evolucionistas, ambiciosos de governar, estão fornecendo ao pais a mais triste nota da sua incompreensão dos deveres civicos. Na imprensa, tratam de levantar campanhas sistematicas e absolutamente descabidas contra as grandes medidas governamentais, na ancia de desprestigiar o presidente do conselho; no parlamento, fazem comedias e provocam tumultos, para obstar á marcha regular da governação publica.

Ao que se vê, são uns grandes patriotas os srs. evolucionistas!

#### O Jogo

Dizem-nos que se joga por ahi desenfreadamente a quaesquer horas do dia e da noite, nos clubs, nos restaurantes e nas tabernas.

Pode lá ser! Pois as autoridades, sendo democraticas, terão consentido tal coisa? Demais a mais, tendo vindo do ministerio do Interior umas instruções tão rigorosas, que chegam a ameaçar de demissão as autoridades administrativas que por culpa ou negligencia não reprimirem esse crime!

#### Exibições evolucionistas

Consta-nos que para os lados de Vila Real de Santo Antonio, uns evolucionistas quaesquer, fazendo valer a sua qualidade de socios do *Gremio Lusitano*, quizeram, contra a letra expressa da lei organica, transformar esse gremio num

centro evolucionista, em cujas paredes figurasse o retrato do visionario dr. Antonio José de Almeida.

Tambem nos consta que a brincadeira não chegou a produzir o resultado que os referidos exploradores ambicionavam.

Ainda bem que a razão de ser das coisas impoz aos discolos a verdadeira doutrina.

#### Contra a maré

As estancias superiores ordenaram aos delegados de saude e ás autoridades administrativas o rigoroso cumprimento do que dispõe o n.º 6 do artigo 53.º do regulamento geral de saude, que manda proceder contra os que exercem as profissões de facultativos, farmaceuticos, dentistas e parteiras, sem titulos que lhes autorise o exercicio de taes funções.

Pois sim! Ordens, instruções e portarias não faltam, mas os curandeiros existiram sempre e hão de existir *in secula seculorum*.

E mal de nós se não existissem! Esta é que é a verdade.

#### Aos nossos adversarios

Recordamos do nosso colega a *Mundo* estes pedacitos de ouro:

«O ministerio presidido pelo sr. dr. Afonso Costa quer atulhar o pantano que a monarchia deixou e que, em grandissima parte, ainda empesta os ares, envenenando agregados essenciaes do Estado. Quer cuidar do bem viver do povo, dentro dos direitos que a todos assistem, sem excepção. Quer consolidar o regimen na politica, na administração e nos costumes. Quer moralizar todos os serviços publicos, de modo a torná-los uteis ao Estado. Quer completar, sem indignidade nem injustiça para quem quer que seja, a applicação integral da lei da separação e das leis anti-congreganistas — sem o que a Republica não poderá em Portugal viver com liberdade e com honra.

E' isto exactamente o que nós pensamos. E' isto mesmo. São compromissos do Partido Republicano Portuguez e o sr. dr. Afonso Costa sabe-os á respeito.

#### Do Brasil

Recebemos a seguinte comunicação que muito gostosamente publicamos:

«Santos, 15 de janeiro de 1913.

#### Cidadão:

No desempenho das atribuições do meu cargo, cabe-me a honrosa missão de comunicar-vos que, em reunião da Assembléa Geral, efetuada em 12 do mez fluente, foram empossados no exercicio administrativo deste Centro, os seguintes corpos gerentes:

#### ASSEMBLÉA GERAL

Presidente: *Abel de Castro*.

#### DIRETORIA

Presidente: *Rebello Gonçalves*. Vice-presidente: *Vitor Soalheiro*. 1.º secretario: *Benjamin M. Cabral*. 2.º secretario: *Manuel Cabral Guedes*. 1.º tesoureiro: *José Luiz Antunes*. 2.º tesoureiro: *João da Silva Vieira*. Vogaes: *Antonio Pinto Candido*, *João Marques Azevedo*, *Domingos Mendes Guimarães*.

#### CONSELHO CONSULTIVO

*Rodrigo da Costa Santos*, *Alexandre Teixeira*, *Alexandre de Sousa Machado*, *Joaquim Ferreira da Costa*, *Antonio Augusto Marialva*.

#### COMISSÃO DE CONTAS

*João Monteiro de Oliveira*, *José Pinto de Oliveira*, *José Soares Antunes*.

#### COMISSÃO DE SINDICANCIA

*Antonio Colaço*, *Abilio F. de Carvalho*, *Manuel Alves Nogueira*.

Com os protestos de estima e consideração, envio-vos afetuosas e cordias saudações

*Benjamin M. Cabral*,  
1.º secretario.

Saudamos os nossos correligionarios e desejamos-lhes as maiores prosperidades e venturas.

#### Uma boa ação

Para solenizar a *Festa da Arvore* que se realizou ha dias nesta cidade, o nosso prestimoso colaborador e amigo sr. Honorato Santos compoz uma linda e artistica valsa a que deu o nome de *Arvore*. Esta valsa foi mandada litografar em Coimbra, a expensas do autor, e o seu produto consagrou-o este aos pobres do Hospital e do Albergue de Faro.

Felicitemos o nosso illustre amigo pela sua ideia tão patriótica e tão humanitaria.

## Faça-se justiça!!!

Ha quasi um ano que, por motivos absolutamente injustificados e injustificaveis, está suspensa do logar de professora efetiva da Escola Normal de Faro a sr.ª D. Inacia Anes Baganha Leal, a quem a má vontade ou a inconsciencia dum homem envolveu nas responsabilidades da sindicancia que se fez á mesma escola.

Muito se tem dito nos varios jornaes da capital, muito se tem reclamado nos jornaes desta provincia, e ultimamente levantou-se neste jornal democratico a mais desinteressada e altiva campanha a favor dessa grande e incansavel propagandista a quem o povo do Algarve e a instrução do paiz tantos beneficios devem.

Pois, não obstante as reclamações da imprensa, nada os governos da Republica teem resolvido que ponha fim a esta situação degradante e imoral, a esta indignidade que tanto mal acarreta sobre o prestigio das novas instituições!

Está indevidamente suspensa uma honesta professora, das que mais honram o magisterio, e essa professora, apezar de suspensa, está recebendo o seu vencimento de categoria. Esta situação misteriosa e deploravel, para que a illustre professora em nada concorreu, existe ha quasi um ano, com prejuizo para a educação normal e, principalmente, com desdouro para os homens da Republica.

Entretanto, o paiz está necessitado de professoras e pensa em recrutar para a escola normal do sexo feminino do Calvario, interinamente, as professoras indispensaveis á aglomeração de serviço e desdobraimento de cursos!

Não seria justo, não seria razoavel, não é absolutamente necessario que estas immoralidades tenham o seu fim?

Havendo uma escola onde se faz sentir a falta de professoras interinas, para atalhar ás urgentes necessidades da instrução; e havendo que recorrer a verbas extraordinarias para custear os vencimentos das professoras interinas, é por ventura crível que tudo isto seja levado a efeito, sem o governo obstar á grande injustiça de manter na situação de martir uma professora que tem juz a todas as atenções e a todas as honras?

Porque não resolvem os ministros a sindicancia?

Porque não levantam a suspensão a esta senhora? Porque a não transferem para a escola normal do sexo feminino do Calvario?

Mas... porque se não faz tudo isto muito depressa?!

Vamos! Haja moralidade! Faça-se justiça!!!

### ATUALIDADES

## A FESTA DA ARVORE EM ESTOI

Revestiu o maior luzimento a festa da plantação da arvore em Estoi.

Bem pode dizer-se que a linda aldeia esteve em festa durante esse dia consagrado a tão importante e significativa homenagem á Natureza, que tanto enriquece aquele formoso rincão do Algarve com a prodigalidade dos seus esplendores.

A enorme concorrencia de povo e de forasteiros, entre os quaes se contavam muitas pessoas desta cidade, contribuiu sem duvida para que a festa revestisse desusada imponencia, pelo que muito sinceramente felicitamos a digna comissão promotora, entre a qual é de toda a justiça destacar o nosso presado amigo e correligionario, o digno professor official, sr. Verissimo Manuel Martins, que empregou todos os seus esforços, que foram inumeros, para que a *festa da arvore* em Estoi deixasse em todos quantos a ella assistiram as mais gratas e perduraveis impressões.

No justo empenho de dar o maior luzimento e grandiosidade a tão importante manifestação civica, tratou a comissão de obter o valioso concurso do incansavel propagandista sr. dr. João Pedro de Sousa, a quem pediu que abrihantasse a festa com a sua palavra fluente e educativa

dirigindo-lhe para tal fim o seguinte convite:

Cidadão dr. João Pedro de Sousa:

Em nome da comissão e dos professores desta freguesia, tomo a liberdade de convidar V. Ex.ª a assistir no próximo domingo, dia 9 do corrente, pelas 16 horas da tarde, à «festa da arvore» honrando com a vossa presença e com a vossa palavra este ato que é bem significativo do nosso progresso e do muito zelo e boa vontade com que desejamos acompanhar a civilização moderna, em todos as suas evoluções.

Certos e confiados no valor patriótico com que V. Ex.ª, já pela palavra já pela imprensa, difundiu as doutrinas, incitando os portugueses a saírem dessa pusilanimidade que os avilta e envergonha, esperamos a vossa vinda a esta localidade e, mais uma vez, V. Ex.ª deixaria aqui uma lição exemplar que serviria de guia ao nosso patriotismo outr'ora moço, robusto e forte, hoje velho, alquebrado e fraco!...

Estoi: 7-3-913.

Saúde e fraternidade

Pela comissão e pelos professores

Veríssimo Manuel Martins

A patriótica iniciativa, que se deve ao Seculo Agrícola, encontrou em Estoi os mais dedicados e incansáveis cooperadores.

Festa patriótica, festa da mais elevada e conceituosa significação cívica, ela contribuirá, cremo-lo bem, de uma forma poderosíssima, para o resurgimento desta grande Patria Portuguesa.

Festa essencialmente dedicada ás creanças, é tal a sua importância e significação, que até os proprios adultos nela tem muito que aprender, iniciando-se nas praticas deste culto prestado ás arvores, inesgotáveis fontes de riqueza e benefícios, sob qualquer dos aspectos que as consideremos.

Exemplos vivos da maior abnegação, elas, com a sua inconsciencia, patenteiam-nos toda a grandiosidade de um labor incessante, de um trabalho proficuo e laborioso que depois floresce nos mais belos e esplendidos resultados.

Mas registemos nas colunas do Herald, sempre abertas a todas as iniciativas patrióticas, o que foi a festa da arvore em Estoi. Iniciando o nosso relato, diremos que eram cerca das 15 horas quando o sr. dr. João Pedro de Sousa, acompanhado pelo sr. Lyster Franco, chegou a Estoi, onde, por parte dos seus amigos pessoas e dedicados correligionarios, lhes foi dispensado um carinhoso acolhimento, organisando-se, pouco depois o

Cortejo

que, partindo da sede do Centro Republicano Democrático dr. Afonso Costa, na Praça da Ossozona, percorreu as principaes ruas da freguesia, entre ondas de povo que saudavam com muitas palmas e aclamações as creanças das escolas que durante o trajeto cantaram a Maria da Fonte, o Hino do Trabalho, etc.

A frente caminhava um dos socios do Centro Republicano conduzindo a bandeira nacional, socio que era ladeado por outros correligionarios; seguiam-se-lhes as creanças das escolas officias, acompanhadas pelos seus professores e com os seus estandartes e distintivos, e as arvores que iam ser plantadas.

Fechavam o cortejo muitos socios do Centro Republicano, com os respectivos corpos gerentes, muitas pessoas de representação da freguesia e povo.

Ao estraljar de inumeros foguetes e ao som dos hinos patrióticos entoados pelas creanças, seguiu o cortejo estrada fora, encaminhando-se para uma vasta propriedade do sr. Gaziba onde, ao som dos majiosos versos do Hino do Trabalho, do immortal poeta Casilino, as creanças procederam á plantação das arvores: uma oliveira, um loureiro, uma nespereira, um limoeiro e uma pereira, em covatos previamente preparados.

Terminada esta faina, que as creanças executaram com o maior entusiasmo, subiu a uma pequena elevação a menina Laura de Sousa, uma pequenita loira, interressantissima, que recitou corretamente O Hino das Arvores, de Olavo Bilac, sendo muito aplaudida. Seguiu-se o menino Julio Vicente, que em breves palavras, enalteceu a festa que se estava realizando.

Segue-se-lhe o menino Julio Vicente, que prega o amor e o respeito ás arvores, a menina Maria do Carmo Feijão, que fala sobre a agricultura, a menina Adelia Ester Forja, que profere um conselho sobre a plantação da Arvore, a menina Maria Albertina Mendonça Coelho, uma das gentis netas do nosso dedicado amigo sr. Francisco de Paula Mendonça, que recitou com muita naturalidade e graça a interessante poesia As creanças, e a menina Eugénia dos Santos Sousa, que disse a Herva, sendo todas muito aplaudidas.

Em seguida usou da palavra a sr.ª D. Maria Guimaraes Vieira Flores, digna professora official da freguesia, que, num breve mas conceituoso discurso, incita os seus alunos ao culto da arvore, cujos beneficios enumera, sendo muito aplaudida pela assistencia.

Fala, depois, a professora sr.ª D. Ana Isaura de Sousa, descrevendo as vantagens e a utilidade da propaganda do cul-

to da arvore, seguindo-se-lhe o nosso preado amigo e correligionario sr. Verissimo Manuel Martins, digno professor official que, num entusiastico discurso, descreve as belezas do Algarve e fala das suas arvores, cuja importancia descreve, mostrando aos seus alunos quanto é injusto e triste maltratar a uma arvore, arrancar-lhe os galhos, partir-lhe os troncos, tentar derriba-la.

Alongando-se em substanciosas considerações, apela para a coragem cívica de todos e diz esperar que aquela festa, tão altamente significativa, venha a servir para despertar todas as inergias e concatenar todas as vontades.

Termina por agradecer a todos os que quiseram contribuir com os seus esforços e com a sua presença para o brilhantismo desta festa e especialisa os cidadãos dr. João Pedro de Sousa e Lyster Franco, cujos nomes a assistencia acolhe com vibrantes salvas de palmas, que se repetem quando o sr. Martins anuncia que vai fazer uso da palavra o incansavel propagandista sr. dr. João Pedro de Sousa, de quem em breves mas conceituosas palavras, descreve o perfil politico e as distintas qualidades de cidadão amatissimo da Patria.

Calorosos aplausos sublinham o vibrante discurso do sr. Verissimo Martins, que é muito felicitado pela assistencia, aplausos que se repetem quando o sr. dr. João Pedro de Sousa se dispõe a fazer uso da palavra.

Nem só a politica serve de tema aos seus discursos, diz o sr. dr. João Pedro de Sousa: está sempre pronto a usar da palavra a favor de todos os ideaes levantados e patrióticos!

Uma prolongada salva de palmas e muitos vivas ao sr. dr. João Pedro de Sousa, interromperam o orador que, restabelecido o silencio, continua o seu discurso, fazendo a apologia das arvores, enumerando os beneficios que elas nos prestam e o importantissimo papel que elas representam como fatores da riqueza nacional.

Referindo-se ás arvores que acabavam de ser plantadas, conta as suas lendas e descreve a sua influencia através das civilizações primitivas.

Os povos antigos, diz, prestando culto ás arvores, no seu profundo e filosofico panteismo, evidenciaram um conhecimento perfeito da vida pratica e como que adivinharam os inumeraveis serviços que com o progresso da civilização as arvores viriam a prestar á humanidade culta.

Dirige-se seguidamente ás creanças que o escutam e em frases conceituosas, apresenta-lhes as arvores como exemplos vivos de abnegação e amor.

Pede-lhes que tenham sempre bem presente no seu espirito todos os beneficios que proveem das arvores; que se lembrem que a arvore acompanha o homem desde o berço á sepultura e que, quando, cedendo ás leis fataes da existencia, a morte o derruba, é ainda uma arvore, o cipeste, consagrado pelos antigos a Plutão, que fica de sentinela á sua sepultura.

Evidencia quanto é significativa aquela festa, e termina por afirmar que é da mais intensa propaganda do amor pelas arvores que hão de resultar a revivescencia e o resurgimento do nosso paiz, porque plantar uma arvore é semear a paz, a riqueza e o amor.

Inumeros aplausos, prolongadas salvas de palmas e muitos vivas ao sr. dr. João Pedro de Sousa, acolheram as ultimas palavras do orador, encaminhando-se todos em seguida, para um recinto proximo onde foram oferecidos ás creanças bolos e vinho. Estas cantaram, então, o Hino das Escolas.

Voltando a fazer uso da palavra, o sr. Verissimo Martins brinda pelas prosperidades de quantos o auxiliaram na realisação da festa e saúde os illustres visitantes, sr. dr. João Pedro de Sousa e Lyster Franco, cuja presença num ato tão significativo, bem evidencia quanto é sempre grato aos seus espiritos tomar parte em todas as manifestações de civismo.

Agradece-lhe o sr. dr. João Pedro de Sousa, que, saudando as creanças, a quem mais uma vez demonstra a grande significação da festa que se realizou, festa toda amor, festa toda confraternisação, festa das mais importantes e de maior alcance das que podem realizar-se nos nossos tempos, festa em que não entra a politica, tal qual geralmente ela é compreendida, o que a transforma num tumultuar de odios e paixões sempre infrutíferas e perniciosas.

Ele, orador, é tambem politico, mas confessa que da politica só lhe tem resultado dissabores.

Mas não arripiará caminho: mudará, apenas de orientação, e á politica mesquinha e orientada em falsos principios de egoismo e vaidade, preferirá a politica do bem e do trabalho, que é indubitavelmente a mais honesta e util.

Uma vibrante saudação interrompe o orador, que pouco depois conclue o seu discurso, pregando as grandissimas vantagens do trabalho perseverante e honesto, e recordando á assistencia que o culto

da arvore foi anatematizado pela religião cristã, termina por dizer-lhe que dessa religião só a moral deve ser aproveitada, porque ela está inspirada em tão bons principios que nem a igreja com os seus falsos preconceitos e erros tem conseguido entenebrece-la e desvirtua-la.

Estas palavras provocam uma ovação delirante ao sr. dr. João Pedro de Sousa que é muito vitoriado e abraçado pelos seus amigos e correligionarios.

Em seguida o cortejo dispersa em direcção á freguesia.

E' sol poente

O arvoredo tingiu-se de tons doirados e rubros e os canticos das creanças, que regressam á aldeia, espargem pelo ambiente a mais profunda e saudosa impressão.

Está terminada a festa.

Fizemos as nossas despedidas, trocámos os ultimos apertos de mão e regressamos á cidade nesse suave devancio que predomina no espirito, sempre que lhe é dado assistir a festas de tão elevada significação cívica e de tão grande alcance para as gerações futuras!

CONTOS E NOVELAS

A ETERNA CANÇÃO

A distancia, perdendo-se, o comboio deixou pairando no ar uma longa flama de fumo.

No ceo a rutilancia do azul esmaiaava e os longes fundiam-se num esbatimento cendrado, subtil e vago.

Ele seguiu pelo atalho e procurou o chalet, a Vila em que ela lhe falára ao prometer-lhe aquela primeira entrevista.

A breve trecho divisou, entre o arvoredo, uma construção ligeira, de linhas aristocraticas, um chalet de luxo.

Ao redor, num pequeno jardim, em alegretes pequeninos, muitas flores vicejavam e um ar balsamico circundava tudo.

E ela?

Oh! Ela lá estava á janela, que um silvado de folhas de geranio emoldurava.

Ao vê-lo corou.

Pois ele viera? Tinha-lhe então afeto? Não mentira ao enviar-lhe, numa tarde de verão, aquela carta rescendente a foim coupée, confessando-lhe o seu grande amor?

Sorriu para ele.

Ele cumprimentou-a cerimoniosamente e seguiu ao longo do atalho e costeando o pequeno muro do jardim, feito de pedras soltas e tão baixo que parecia um parapeto de varanda, aproximou-se.

Ela esperava-o.

Ao verem-se assim tão proximos conservaram-se por muito tempo silenciosos e como que immobilizados por aquele delicioso torpor de felicidade que por completo os dominava.

Amavam-se?

Talvez. Para ele, ali, áquella hora nostalgica da tarde, ela tinha mais encantos, mais radiosa formosura do que quando a via, muito debruçada á janela, na anciedade de segui-lo com a vista.

Já não era simplesmente aquella joven encantadora que, uma noite, por acaso ele vira entrar, formosissima no seu lindo vestido de etamine, uma vistosa loja de modas.

Era mais, muito mais. Aos seus encantos de mulher, juntava-se, áquella hora, toda a vaga e sonhadora expressão de que a Natureza parecia revestida.

Ela sorriu. Tinha-o ali quando não esperava tornar a vê-lo...

As cartas trocadas entre ambos, os passeios na Avenida, ele a segui-la e respeitoso distancia, as longas tardes a esperá-lo, á janela, tudo isso ela considerava mera insignificancia naquella instante feliz.

Tinha-o ali. Era ele... Ali estava envolvido-a toda num apaixonado olhar...

Dominada a comoção, ela falou.

—Não o esperava. Ainda bem que veiu.

A sorrir, perguntou:

—Pois não tinha eu dito que viria?

E ela, rindo:

—Os homens prometem tão facilmente como deixam de cumprir...

Ele sentiu a evidencia daquella afirmação e conservou-se silencioso, e ela reatando o dialogo interrompido, continuou:

—Ainda bem que veiu! E' tão aborrecido tudo isto!... Passo o meu tempo a ler as suas cartas e a lembrar-me de si...

Por sua vez ele sorriu.

—De mim—interrogou:—Pois v. ex.ª pensa em mim, aqui longe do bulício da capital, tão rodeada de flores... Como agradecer-lhe?...

—Como? Pensando tambem muito em mim.

—Então não havia de pensar?

E ela com intenção:

—O sr. é que sabe em quem pensa... E ele muito apaixonado:—V. ex.ª tambem sabe, porque já lhe confiei esse segredo do meu coração...

Durante esta troca de palavras ele subira a uma pequena elevação de terre-

no, no intuito de melhor poder escuta-la.

Ela, como á varanda, debruçou-se um pouco e sempre a sorrir:

—Pois ama-me?—perguntou, numa voz debil, repleta de suavidade.

Ele tomara-lhe as mãos e apertava-as febrilmente, apaixonadamente; então ela, sentindo-o junto de si, admirou-se da propria ousadia.

—Que motivo tens tu para duvidar de mim? Pois não acreditas que te amo?...

Ela sorria. . . um sorriso de muito jubilo, um sorriso feliz brinco em seus labios finos, os olhos iluminaram-se-lhe numa alegria intensa...

Debruçou-se um pouco mais, como a pedir-lhe que, dentro da concha minuscula da sua orelhinha rosada, ele repetisse aquellas frases ternas...

Alguns aneis do seu cabelo acariciaram brandamente a fronte dele e, como em segredo, ella confessou que tambem o amava muito...

Falavam com os rostos muito proximos, muito baixinho; foi por isso que numa atração impetuosa os labios de ambos se procuraram, unindo-se num casto e afetuossissimo beijo...

O primeiro beijo de amor!

Escurécia.

Na folhagem os tons de oiro em braza dispersos pelo sol poente, apagavam-se.

Estrelas luziam no ceo e pelo campo cigarras estridulas, pareciam entoar a eterna canção do amor...

Lyster Franco.

POETAS

INCENERAÇÃO

Oh! quando eu morrer meu desejo é arder Na chama em espiraes de uma ardente fogueira. Desejo em incenso, voar ao immenso... Desejo ser fumo, ser nuvem ligeira.

Desejo que a aragem, na sua viagem, Na fimbria das azas me leve em poeira. Desejo em incenso, voar ao immenso... Desejo ser fumo, ser nuvem ligeira.

Em cinzas, de ninho de algum passarinho Virei a servir—talvez de um rouxinol. Em fumo, no ceo hei-de ser gentil veio, Na aurora rosado pelos brillos do sol.

Em cinzas, no pólen do calix que evolo Aromas subis, poderei penetrar Em fumo, de noite, onde a luz se acoitae, Montanhas nevadas virei a formar.

Em cinzas, na margem onde aguas se espargem, Irei confundir-me entre os granulos de oiro. Em fumo, do solo indo á patria de Eolo, Virei a alijofar, que belo tesouro!...

E o vate, ao passar o meu fumo no ar, Dirá delirando no seu alarde: —A nuvem que passa é mortal que evoaça... Viveu e gozou já tambem juventude...

Dirá ao sentir da notada o rugir, E ao ver-me em poeira pelo vento impellida: —Em pó eis um peilo que vou desfeito, Que arfou muitas vezes de amor quando em vida...

Oh! quando eu morrer, meu desejo é arder Na chama em espiraes de uma ardente fogueira. Desejo que a aragem, na sua viagem, Na fimbria das azas me leve em poeira.

Renego os jaziços que servem de abrigos A mortos vaidosos; correr me compraz, Em attos disperso por todo o Universo, Sem ter uma pedra que diga:—Aqui jaz.

MARINHA DE CAMPOS.

VINTEM PREVENTIVO

Pedem-nos a publicação do seguinte:

«PARECER—Os sinatarios, reunidos em 5 de Março de 1913, a convite da Direcção da instituição «Vintem Preventivo» para emitirem a sua opinião acerca das contas da referida instituição, ten do feito um rapido exame aos livros e documentos que lhes foram presentes, concluíram o seguinte:

1.º—Que a escrita do «Vintem Preventivo» não obedecendo ás exigencias duma contabilidade devidamente arrumada, por isso que desde o seu inicio parece ter tido como principal objetivo apenas o registo de Receita e Despesa, não é criticada sob tal aspecto.

2.º—Que apesar de não existirem os livros necessarios que mostrem a concordancia entre si, como succede no sistema grafico, os auxiliares diversos que nos foram presentes, estão claramente descritos de forma a verificar-se a origem de todas as receitas, e a sua applicação devidamente documentada.

3.º—Que o nosso exame, tendo só por fim fazer uma ideia geral da forma pela qual o movimento do «Vintem Preventivo» era escripturado e conduzido, não desceu a detalhes de conferencia, especialmente documentos.

4.º—Que finalmente em sua consciencia julgam que a gestão dos dinheiros confiados a esta instituição foi feita com toda a honestidade e que tudo se pode apurar com relativa facilidade, visto como não faltam elementos para se reconstituir em perfeita ordem, uma escrita com todos os requisitos.

José Maria Pereira, Thomé de Barros Queiroz, João Pedro Soares, Emílio Ferreira.

Na proxima semana será publicado o relatório e apreciação das contas, feito pela comissão que fór eleita para dar cumprimento ao art. 22 do regulamento. Com a publicação deste relatório e exposição de livros e documentos a quem os quiser ver, a direcção dirá o que julgar conveniente para inteira elucidação da opinião publica e depará o seu mandato,

A Direcção,

As bases da carta

Dois sentimentos perfeitamente opostos determinou o publico a leitura da Carta-proposta endereçada por nós á D. Maria Caetano de Brito Gil.

Para uns, essa carta, que tão misteriosamente se subtrahiu ás vistas do publico, para só lhe dizerem que o seu possuidor ou detentor a não dava não sei por quantos contos de réis, não veiu mais que revelar a enorme chantage que á sua sombra se tem feito. Esses que assim pensaram, são os que se acostumaram a conhecer-nos com a correção dos homens de bem. Felizmente, são a grande maioria.

Outros, mordidos de raiva, caíram no desespero, ao ver que ruia por terra o unico baluarte em que se entriochearam. Ficaram a descoberto. São poucos, muito poucos, e de baixa esfera. Homens de bordel, acostumados á remoer nas vidas albeias, não é para admirar que, desmascarados, se sentissem completamente perdidos.

De fato, no meio das muitas atoardas que ao nosso meio desde ha tempos se lançaram, e que pacientemente temos destruido, baseado em documentos e testemunhos insuspeitos, essa carta, lida só pelos nossos adversarios, veiu dar grande incremento á ascorosa exploração que sobre a ultima vontade de D. Maria Caetano de Brito Gil se estava fazendo. E o impulso que essa carta lhe deu foi tanto maior, quanto é certo ter-se sobre ella lançado uma nota de bem calculado misterio.

Mas se tanto nos comprometia, porque nos não aterraram com a sua publicação? Porque se não submeteu á directa apreciação do publico um documento a que se attribuia um valor inestimavel? E' que aos exploradores e caluniadores de profissão, a esses entes abjetos, sem dignidade, nem pundonor, servidos apenas por uma consciencia torpe, podre e infeta, de cara estanhada e merecedores de azorrague, mais do que as proprias bestas, a esses não convinha que a luz jorrasse sobre um tal documento. Acabava-se-lhes o ensejo de se revelarem os mais reles canalhás, cochichando ao ouvido de cada um, a infancia de que se haviam embuido no seio da propria familia.

Ainda bem que nos chegou a ocasião de pôr cobro a tão baixos processos, reveladores da preversidade mais suja e da falta da mais rudimentar educação.

Depois do exposto, cumpre-nos transcrever, como prometemos, as bases da nossa proposta, bases que completam a carta publicada no ultimo Herald:

1.º A sr.ª D. Maria Caetano continuaria a ser usufrutaria como até aqui, e enquanto viva fosse;

2.º Eu só visitaria a horta e dela disporia para qualquer fim, depois do seu consentimento escrito;

3.º Continuaria a ser o medico da sua casa, se assim o entendesse e lhe merecesse confiança;

4.º Seria eu quem pagaria a escritura e demais despesas resultantes, como seiscentos ou oitocentos mil réis de contribuição de registo, etc;

5.º Ficaria seu testamenteiro (sem remuneração);

a) Isto evitará que todos venham a pagar ao actual testamenteiro, quando todos precisam de dinheiro (e não pouco para pagar os direitos de transmissão). Em taes condições só está bem o testamenteiro actual, pois recebe dos outros exactamente o que precisa;

b) Eu faria os possiveis para evitar questões judicias entre eles. O actual testamenteiro pode escolher a parte que lhe cabe, que mesmo pode ser maior do que as outras, e os outros legatarios terão de se calar, ou ir para juizo, o que não lhes merece a pena;

c) Procuraria reduzir, a todos, os direitos de transmissão, o que poderá fazer differença de dois contos ou mais. Para saber que isto é assim, basta dizer que os direitos correspondentes a vinte cinco contos são cinco e es correspondentes de dez são apenas dois;

6.º Trataria do seu funeral;

7.º Promoveria a sua trasladação para a Conceição, caso um dia venha a morrer fora de lá;

8.º Praticaria a remoção das ossadas para o jazigo;

9.º Cuidaria e ficaria com o encargo da limpeza do jazigo;

10.º Evitaria a partilha da horta, que continuaria a fazer lembrar o seu antigo proprietario. Ha coisas a respeito das quaes nós desejamos que depois da nossa morte se conservem como dantes. Se assim não fosse, não haveria jaziços, etc;

11.º Ficando a horta sob o meu dominio com duas terças partes da casa, natural era conservar o mesmo pessoal. Tudo seria conservado mais ou menos como está, já porque é promessa minha, já porque precisaria de pessoal, já porque, sendo todos estes honrados, não teria vantagens em os despedir.

12.º Tendo eu lá interesses, mais facilmente os ajudaria a todos, pois que todos, hão de precisar de dinheiro para pagar os encargos do testamento e direitos de transmissão. Em logar de irem pedir dinheiro a 10 ou 12 por cento, emprestar-lh'o-ia eu a 6 ou 7 o que faz uma grande differença;

13.º Passando a casa para a Doriahas, que bem a merece tambem, poderia passar para a atual legataria da horta a sua parte atual;

14.º Das casas podia ficar-lhe a terça parte, o que é bastante e mesmo de mais para ela e os seus habitarem;

15.º Ficando eu com a horta, mais facilmente lhes daria trabalho;

16.º Podia a atual legataria da horta ser compensada com uma pensão, que lhe garantiria a vida, bem que modesta.

P S Cada uma destas clausulas merece a maior atenção. Se forem lidas e tornadas a ler com atenção, mais se reconhecerá o que elas valem e o que representam. Por elas se ajuiza bem que não tenho a intenção de prejudicar ou lograr ninguém.

Muito nos poderíamos explicar em considerações de toda a ordem a respeito destas bases, mas não querendo fatigar os leitores, que bem apreciariam tudo, palavra por palavra, vamos colher as principaes conclusões:

1.ª A forma condicional em que nos expressamos em todas as clausulas, revela que a nossa proposta ficava perfeitamente ao arbitrio da D. Maria Caetano de Brito Gil e nunca, tome-se nota, nunca poderá ser considerada, contrariamente ao que o sr. Soares aventa, uma coação ou imposição. E' mister não saber portuguez e estar de má fé, para obter uma tão avessa interpretação.

2.ª Da 1.ª e 4.ª bases toda a gente infere que se tratava de uma escritura e não de um testamento, contrariamente tambem ao que o mesmo sr. Soares afirma.

3.ª Apresentando-nos como um extranho ao fazer a proposta, vê-se ainda qual o nosso escrupulo na assistencia a dispensar á D. Maria Caetano de Brito Gil e a confiança que ela em nós depositou, collocando-se ainda sob o nosso tratamento até morrer.

4.ª Da base 5.ª sobrees a alinea b) em que reconhecemos aos herdeiros, contrariamente ainda ao que o sr. Soares afirma, o direito de pleitear.

5.ª Se alguma das bases passaram ao testamento, porque outras já existiam no primeiro, nada mais revela isso do que a certeza que a doente tinha de que, embora nos não obrigassem taes disposições, nós as cumpriríamos.

6.ª Ficando nós com a horta, passamos a prestar os serviços e temos os encargos inseridos nas bases 3.ª, 4.ª, 5.ª, 6.ª, 7.ª, 8.ª, 9.ª, 11.ª, 12.ª, 15.ª e 16.ª e mais os apresentados e fixados pela doente: a) pensão mensal de 6\$000 réis; b) pagamento das contribuições e direitos de traemissão correspondentes a essa pensão; c) construção de uma casa junto da parte desanexada.

Por aqui se vê, com olhos de ver, que a a horta, cujo valor é muito menor do que muita gente imagina, não é para nós a herança que se dizia. Não foram portanto os interesses que nos determinaram a apresentar a nossa proposta, que em si contém a essência da questão.

E' lá se foi pela agua abaixo o castelo arquitetado pelo sr. Soares e pelos seus sequazes. Tenham paciencia, e continuem se assim lhes aprouber, pois quem corre por gosto não causa.

Tavira, 10 de março de 1913.

Antonio Francisco de Sousa.

### Movimento politico

Consta-nos que o sr. dr. Adelino Furtado, governador civil de Faro, desejoso de continuar a sua visita ás diferentes localidades do distrito, vai chamar a si alguns dos seus correligionarios, para com eles, em trabalhos de propaganda democratica, visitar as cidades de Tavira, Silves e Lagos e as vilas de Monchique, Portimão, Lagoa, Olhão, Vila Real e Castro Marim.

E' possivel que nesta visita se façam representar alguns deputados e senadores. Aachamos razoavel a ideia, de mais a mais nesta ocasião em que se torna indispensavel desfazer as explorações e *chattelages* politicas que se tem levantado em volta das medidas legislativas atinentes ás pescarias.

### VENDE DE ESPINGARDAS CAÇADEIRAS

Apreendidas por uma praça da guarda fiscal, proximo de Salir, vão ser vendidas em hasta publica—alem de outros artigos—tres belas espingardas caçadeiras, duas das quaes de fogo central, no proximo dia 17 do corrente, pelas doze horas á porta do quartel da guarda fiscal, nesta cidade.

Lembramos que, segundo os anuncios mandados afixar em varios pontos desta cidade, os arre-matantes das espingardas devem achar-se munidos da competente licença para uso e porte de arma.

### PINTOR-DECORADOR

Artista italiano de passagem, executa todos os trabalhos de pintura de arte, letras etc. Tambem faz traduções de linguas europeias, Rua Primeiro de Dezembro, 22, Faro.

### Puericultura

#### Como se cria uma creança

IX  
ALIMENTAÇÃO MISTA

Logo que complete nove mezes deve a creança ter uma alimentação mista, isto é, com as refeições de leite propriamente dito devem alternar-se as de papinha de leite, semula, sagú, aveia, féculas, etc, tudo preparado com leite, agua e assucar.

Antes desta idade é muito prejudicial dar de comer ás creanças, muito especialmente saindo-se do regimen que deixamos prescrito.

Depois dos dezoito mezes é que podem ministrar-se-lhe os alimentos solidos, carne, etc, mas com muita moderação, devendo voltar-se ao uso do leite logo que se manifestem quaesquer sintomas de doença.

Grande numero de creanças morre de enterites e de outras enfermidades, por se lhes dar de comer antes de tempo e, ainda no tempo proprio, por se lhes fornecerem refeições indigestas e irritantes para o aparelho digestivo, taes como feijões, sardinhas, atum, refogados, etc.

O vinho é tambem um grande excitante para as creancinhas, que dele não carecem, devendo, por consequncia, ser-lhes completamente negado.

Os bolos e pasteis tambem lhes não são proveitosos, muito pelo contrario, e por isso convem não lh'os dar.

Deve ter-se o maior cuidado com todos os preparados que venham em vasilhas soldadas a chumbo, como acontece com algumas farinhas.

O melhor regimen para uma creança que tenha completado nove mezes é o seguinte:

De manhã—farinha feita em leite; depois, de tres em tres horas, um copo de leite.

De tarde—uma segunda papa de farinha e leite, e tres horas depois outro copo de leite.

Os ovos quentes tambem lhe são muito uteis.

E' necessario não esquecer que ao regimen alimentar das creanças não convem excessos de comida, que tem a desvantagem de dilatar e prejudicar o pequenino estomago, nem os condimentos, que só produzem irritação.

#### VESTUARIO

Seja qual for a idade da creança, o melhor vestuario será sempre aquele que lhe permitir a absoluta liberdade de movimentos, sem deixar de favorecer a calorificação.

Meter o inocentinho dentro de vestidos apertados, que lhe dificultem a circulação e lhe comprimam o peito e os pulmões, é tudo quanto de mais prejudicial se lhe pode fazer, porque, sobre o tornalo doente, lhe impede o regular desenvolvimento de todo o seu organismo.

As toucas de tecido muito espesso são más, porque, mantendo a cabeça numa temperatura elevada, dão ás vezes origem a meningites.

#### CAMA

A cama que se recomenda é a que for provida de enxergão de palha e colchão de crina.

Debaixo da creança nunca se deve pôr qualquer substancia que se ensopie com facilidade e que não possa ser substituída de um momento para o outro.

A pele de carneiro, de que tantas pessoas fazem uso, é muitissimo prejudicial, não só por estar a breve trecho transformada num foco de infecção, como tambem por servir da abrigo ás pulgas, que aos pobres inocentinhos, que se não sabem queixar, causam os maiores tormentos.

A creança precisa de andar sempre bem resguardada do frio, porque dispõe de pouco calor natural, em razão do seu pequeno volume.

O peito, o ventre e os pés carecem de um abafio rigoroso, para se evitarem os resfriamentos, que, nas creancinhas, são muito mais graves e perigosos.

#### QUARTO DE DORMIR

O quarto de dormir de uma creança não pode deixar de ter uma ou duas janelas, que deem franco acesso ao ar e á luz.

Na ocasião em que a creança está fóra da sua alcova, deve esta ter as janelas abertas, para que se estabeleça uma boa ventilação.

Nunca ao mudar-se uma fralda se deve deixar estar no quarto onde a creança dorme, porque, sobre ser o indicio de pouco asseio, é um agente de viciação do ambiente.

O quarto de dormir de uma creança carece dos maiores cuidados higienicos e, em regra, de não servir senão para ela e para a mãe ou ama.

Na falta de cobertores, muitas mulheres pobres costumam deitar sobre o berço dos filhos varias peças de vestuario de uso, taes como casacos, saias, etc.

Esta pratica é duplamente prejudicial, porque, sobre ser inconveniente, carrega de roupa as camas das creanças, tem ainda a grave desvantagem de levar para o contato dos inocentinhos as poeiras depositadas sobre os fatos e que podem conter alguns dos perniciosos germens de

que as mesmas poeiras costumam ser veiculo.

A creança nunca deve utilizar-se dos objetos que tenham servido a outras pessoas, sem que esses objetos sejam convenientemente limpos e desinfetados.

Tanto o colchão como o enxergão e as roupas do berço, devem ser todos os dias postos ao sol e ao ar.

A cama das creanças deve ser alta, para as não compellar a respirarem o ar da camada inferior, sempre mais frio e insalubre.

### Feminismo

#### As mulheres defendem-se

Como em toda a parte succede, o homem é admiravelmente fino e delicado enquanto não profere o *sim* sacramental. Depois de possuir a mulher apeteçada, ou é indiferente, ou grosseiro, ou bruto. Na America, e sobretudo no Estado do Illinois, é isto frequente. O macho, saciada a sua paixão, é intoleravelmente aggressivo; alem de não fazer caso da mulher, sova-a com frequencia.

Ora tal situação, deprimente para uma criatura que presa a sua dignidade, não podia continuar. A mulher americana, a principio, resignou-se. Apauhava a sua conta e calava-se, confiada em que o marido se emendasse. Mas o bruto, achando mole, carregava com mais força. Como a paciencia tem limites, a americana decidiu—e fez ela muito bem—reagir contra a estupidez e a brutalidade dos maridos, adestrando-se no manejo do *box*. Para esse efeito organizou clubs especiaes, auxiliada por Mac Colloch, uma rija americana, que desempenha o elevado cargo de «juiz de paz».

Parece estranho que essa mulher, que é juiza de paz, apoie as pretensões guerreiras das suas compatriotas. Mas o fato explica-se naturalmente, sabendo-se que Mac Colloch, apesar de exercer um cargo publico, é tambem soxada pelo bruto do marido que, quando apanha o seu «pitão» (o que succede amindadas vezes) lhe chega com valentia a roupa ao pelo!

Assim, nos varios clubs do Illinois, as esposas soxadas exercitam-se no jugo de *box*. Algumas delas são já tão destras e peritas nos *jugs*, nos *sivings* e *fightings*, que os maridos não levam com elas a melhor.

Ha dias, após uma questuicula, um bruto-tomontes desancou a mulher. Esta, achando a dose excessiva, recalcitou. O homem, furioso, carregou mais forte. Então a mulher, metendo nos dedos o *box*, assentou-lhe tal murro, que o desgraçado, com um berro, rolou no chão, com a cara num bolão...

A propaganda tem sido tão ativamente exercida, que rara é a mulher que não esteja preparada para se defender das brutalidades do marido. Organizaram-se, por em, dois grupos. Um, formado pelas mulheres de temperamento mais brando, pretende que só devem desagrarar-se depois de exgotados os meios sanatorios. Outro—e este é o mais numeroso—quer que se responda logo á letra. As mulheres que infiltram neste grupo andam sempre armadas para o que der e vier. Ao primeiro soco, de tal modo caem em cima do homem, que o deixam a escorrer sangue. E' a unica maneira, dizem elas, de manter a paz conjugal. A paz e a dignidade, porque em seu entender, a mulher que apanha sem reagir, merece mais e mais forte...

As autoridades, prevenidas do caso, ponderaram, e muito bem, que a mulher tem toda a razão. E tem, com mil bombas! O que ela deve fazer é o que está fazendo. O marido bate-lhe?... Chegna lhe feio e forte e defenderá a sua dignidade e as suas costelas! O direito é igual. E postas assim as coisas, temos a certeza de que a harmonia domestica será completa. Quando o marido se convencer de que não bate impunemente e que, quando menos o espere, tem pelos queixos um *box* vingador, naturalmente desiste e, desistindo, reinará a paz no lar.

O exemplo das mulheres de Illinois deve ser imitado. Não aconselhamos o *box*, que é mais particularmente americano, mas sugerimos o *cadete*, que é tudo quanto ha de mais portuguez. Quando um alarve qualquer ousar erguer a mão contra a sua companheira, que esta, com um solido cerquinho, lhe ponha os ossos num feixe. E se ele recalcitrar, nova dose puxada com mais força. Assim é que se ensinam os brutos...

**GANDIDO DE SOUSA**

Formado pela Escola de Lisboa e com os cursos especiaes de Higiene, Oftalmologia e Bacteriologia

CLINICA GERAL, OPERAÇÕES

Especialidades: Doenças das orelhas, boca e dentes  
Dentes artificiaes

CONSULTAS TODOS OS DIAS, EXCETO AOS DOMINGOS

RUA DE SANTO ANTONIO, 6  
FARO

### A FESTA DA ARVORE

A instancias do diretor do *Seculo Agricola*, e por especial recommendação do sr. diretor geral de instrução primaria, realizou-se no domingo, na sala das sessões das escolas primarias officaes primarias, desta cidade, uma sessão solene comemorativa da *Festa da arvore*, a que assistiram os alunos das escolas officaes, com seus professores, presidindo o digno inspetor sr. Portela da Silva.

Aberta a sessão, as creanças cantaram o Hino Nacional, fazendo depois o sr. Portela uma vibrante e entusiastica allocução á bandeira. Em seguida realizou-se a recitação de quatorze poesias, pelos alunos das escolas primarias, pela seguinte ordem:

ESCOLA MASCULINA DA SÉ: — *Minha mãe*, por Francisco Lourenço. *Poesia infantil*, por José Julio Moreira. ESCOLA FEMININA DE S. PEDRO: — *Querida ser senhora*, por Praxedes Trindade. *Quando eu casar*, por Domicilia Celeste. ESCOLA MASCULINA DE S. PEDRO: — *O dinheiro*, por Eduardo de Azevedo. *Portugal*, por Antonio Marcelino. *Regra de excepção*, por Fernando Paraizo. ESCOLA FEMININA DA SÉ: — *Pois sim senhor*, por Mariana Alves. *A pena e o tinteiro*, por Maria Euridice. *Dia de anos*, por Zaida I. Bomba. *A minha boneca*, por Maria Josefina Marques. *O pintalogo*, por Mariana A. Santos. *A minha escola*, por Maria G. Trigo Sousa. *A morte do pobre*, por Germana Oliveira.

Findas as recitações foi entoado o *Hino da arvore* pelos alunos e plantada na cerca da escola uma nespreira.

Lista dos alunos que pela sua aptidão escolar levantaram a bandeira nacional:

ESCOLA MASCULINA DA SÉ: — Herculano de Sousa Leiria, José Filipe Falardo, Teodoro Coelho e Filipe Fernandes. ESCOLA MASCULINA DE S. PEDRO: — Augusto Tavares Belo, Joaquim Simões dos Santos Chumbinho e Eduardo Azevedo. ESCOLA FEMININA DA SÉ: — Helena da Encarnação, Benedicta do Carmo Santos, Maria Luz Brito, Marieta Cravo Oliveira e Olivia Alexandrina Bomba. ESCOLA FEMININA DE S. PEDRO: — Praxedes Trindade e Deolinda Silva.

A plantação das arvores foi feita pelo grupo de alunos que pela boa applicação escolar foi escolhido para a bandeira nacional.

Depois discursou acerca da plantação da arvore o sr. Honorato da Silva Santos, funcionario do extinto commissariado de instrução primaria em serviço na inspecção escolar.

Terminada a plantação, as creanças entoaram os hinos da Arvore e Nacional.

Foi uma linda festa que deixou em todos a melhor impressão.

### OS MISERAVEIS

Vae exhibir-se nos dias 19 e 20 do corrente mez, no *Theatro Circo* de Faro, a monumental pelucula cinematografica *Os miseraveis*, tirada do sensacional romance de Vitor Hugo.

Esta grande fita, que mede 4.600 metros e é dividida em nove partes, começa pela prisão do desgraçado Jean Valjean, rapaz que ficará órfam de pae e mãe e fóra recolhido por sua irmã Juana, que ao tempo era casada e depois enviuvou, tendo sete filhos.

Uma noite, quasi morto de fome, saiu de casa, foi ao largo da igreja, fez em estilhaços uma janelinha da padaria Mameal e roubou um pão.—Nessa triste aventura, Jean Valjean foi surpreendido, e tanto bastou para pue pouco depois já estivesse preso.

Sendo julgado, o tribunal condenou-o em 5 anos de trabalhos forçados e em virtude disso, entrou nas galés e partiu numa leva para Toulon.

Entre muitas cenas e passagens comevidoras, que produzem as mais fortes impressões, ha na fita duas figuras notaveis: um bispo e um vagabundo,—o bispo Mirel e o pequeno Gravoche.

Ao contrario do que succede com o maior numero dos padres, o bispo Mirel era virtuoso e bom,—talvez o padre mais virtuoso em toda á França. A sua preocupação eram os pobres, os operarios, os doentes, os hospitaes,—a miseria e a fome.

Foi este padre quem fez de Valjean, condenado ás galés, um cidadão util, prestimoso e bom.

E Gravoche? Saltou uma barricada e, junto dos mortos e feridos, andava recolhendo num cesto de verga as munições que depois oferecia aos revoltosos.

—Que fazes ahí? perguntou-lhe uma vez o sargento Confeirac.

—Estou enchendo o cesto.  
—Pois tu não vez a metralha?  
—Ora adeus! Que tem isso?!

Quando o pequeno Gravoche tirava da patrona dum soldado morto os cartuxos que continha, uma das balas inimigas atingiu o cadaver e, então, Gravoche, impassivel e risonho, disse: «malvados! lá começam agora a matar os pobres mortos!»

E pouco depois era Gravoche que morria tambem, e o seu corpo confundia-se no meio dos outros cadaveres.

Será isto mais que sufficiente para dar aos nossos leitores uma ideia da grande pelucula *Os Miseraveis*, extrahida do maior romance de Vitor Hugo, um dos mais gloriosos e diletos filhos da França.

Vinhas, vinhos e prados  
A. VENANCIO PACHECO  
Br. 600 reis.

### NOTICIARIO

Vimos em Faro o sr. Manuel Silvestre Dias Peres, nosso presado correligionario de Odeleite.

— Afim de tratar de assuntos relativos ao concelho de Castro Marim, esteve em Faro o nosso presado correligionario sr. José Gilberto Madeira, do Azinhal.

— Foi provida definitivamente como professora da escola de Quarteira, a sr.ª D. Francisca Cabrita de Almeida. A sr.ª D. Maria das Dores Silva, professora da escola de Albernoa, foi transferida para a de Horta de Vilarinhos, concelho de Faro.

— Foi nomeado interinamente, medico dos caminhos de ferro do Sul e Sueste, o sr. dr. Filipe Baião.

— Em substituição do capitão tenente sr. Tito de Moraes, vae ser nomeado capitão do porto de Setubal o official da mesma patente sr. Diniz Ayala.

— Vae ser concedida uma pensão de sangue á sr.ª D. Carolina Alves, mãe do missionario Abel Alves Ferreira, morto em combate por ocasião da revolta de Timor.

— Foi mandado apresentar ao ministério do Interior, por ter sido nomeado escriptorario encarregado da catalogação, o ajudante do conservador do Museu Botânico da Faculdade de Ciencias de Lisboa, o 2.º sargento de infantaria 4 sr. Lazaro Parreira de Oliveira.

— Determinou-se que a duração das commissões do pessoal da armada nas colonias fosse assim ficada:

Cabo Verde, India e Macau, 6 anos; Louanda, Benguela e Moçambique, 4 anos, Mossamedes, Lourenço Marques e Iuhambane, 5 anos; S. Tomé e Príncipe, Congo, Zambeze e Timor, 3 anos, 2 mezes e 13 dias.

—Em consequncia de ter terminado o seu cruzeiro na costa do Algarve, regressou a Lisboa a canhoadeira *Lurio*.

— Realizou se em Braga um comicio de protesto contra a extinção da Escola Normal daquela cidade.

—Partiu para Lisboa com destino ao estrangeiro o sr. José Teodoro de Almeida Coelho, acreditado negociante da nossa praça.

— Foi nomeado escriptorario de 3.ª classe o escrevente de via obras sr. João Batista da Graça.

### CARTEIRA

Façam anos:

Amanhã, 13—D. Maria do Carmo Peres, D. Elvira de Oliveira Fonseca, D. Maria Guilhermina de Sousa Alves, D. Tomazia Maria Calapez Mascarenhas, João Ortigão Peres, Manuel da Costa Rosado, Pedro Augusto da Silva, Manuel da Silva Borges e o menino Augusto Alberto Freire.

Sexta, 14—D. Sara S. Bath Arancot, D. Manuela Simões de Carvalho, D. Maria Eugenia da Silva Reis, dr. José Francisco Teixeira de Azevedo, João Antonio Correia dos Santos, Augusto Carlos Xavier Caimoto e Manuel José Viegas.

Sabado, 15—D. Maria Perpétua Ribeiro dos Santos, D. Benedicta Cruz Raimundo, D. Leopoldina da Trindade Cunha, D. Isaura Gomes Peres, D. Augusta Aurora Ferreira, Francisco José Pinto, Mateus Joaquim da Silveira, Manuel José Viegas, Silvestre dos Prazeres Pereira e Anacleto Mauricio de Almeida.

Casamentos:

No sabado, depois do registro civil, realizou-se, pelas doze horas, na igreja de S. Sebastião da Pedreira, em Lisboa, a cerimonia religiosa do conorcio da sr.ª D. Maria Libânia Ludovico com o sr. José Soares Marques de Gusmão.

A noiva, filha do sr. José Maria Ludovico, secretario de finanças em Olhão, e da sr.ª D. Isabel Ludovico, reuª ás maiores virtudes a mais interessante beleza fisica; o noivo, antigo empregado do commercio de Benguela e interessado numa das mais importantes casas da mesma cidade, é um cavalheiro digno de todas as felicidades pela honreza do seu caracter e outras qualidades que o tornam digno das maiores simpatias.

Foram testemunhas do ato, além dos paes da noiva, os srs. Antonio da Costa e esposa, D. Adelia de Lencastre Brandeiro Pinto da Costa, e dr. José Ribeiro Castanho, delegado de procurador da Republica, em Faro, que se fez representar pelo sr. Manuel Costa.

A este enlace auspicioso assistiram muitos amigos das familias dos nubentes, trocando-se numerosos brindes muito afetuozos.

Após a cerimonia religiosa, o rev. prior de S. Sebastião da Pedreira produziu uma brilhante allocução, felicitando os noivos e suas familias, do quem era antigo e particular amigo.

Depois de tudo isto foi servido um primoroso *lunch*, fornecido pela acreditada Pâtisserie Benard.

Necrologia:

Faleceu em Alcantarilha o abastado proprietario sr. José Bernardo Grade dos Santos, filho da sr.ª D. Quiteria Judice Grade das Santos.

A' familia entulada os nossos pezames.

### Atenção

#### Por motivo de retirada para Lisboa

Vende-se por preços convidativos o seguinte: —Mobilia de sala, estilo Luiz XV; de casa de jantar, estilo Henrique II; de quarto, em nogueira de polimento; cadeiras e sofás de verga; uma maquina de costura; vidros e louças; uma secretaria á ministro, e respetiva cadeira, de pau santo; um cofre á prova de fogo; um piano, um predio de casas na rua Camões, com o n.º 19; uma outra casa em Estoi; um mylord; uma magnifica parrelha de cavalos.

Tambem se passam algumas escrituras de hypothecas.

Quem pretender dirija-se á rua Carlos da Maia, 17 em Olhão.

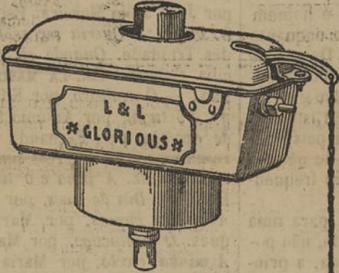
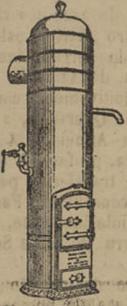
# LATOARIA PONTE

Sucessor de JOÃO F. X. da SILVA REIS

CASA FUNDADA EM 1889

R. Conselheiro Bivar, 3 — Avenida da Republica, 2

FARO



Especialidade em esquentadores para banho, em cobre polido, sistema francez, o melhor, mais economico e perfeito que até hoje tem aparecido. Manufatura de gazometros e candieiros para gaz acetilene, dos mais praticos e perfeitos. Encarrega-se da montagem dos mesmos em qualquer terra da provincia.

Especialidade em bombas de todas as qualidades as quaes se vendem pelos preços das fabricas.

Instalações completas para agua, em tubo de chumbo ou de ferro.

Especialidade em autoclismos inglezes em ferro fundido, sem valvula, de efeito seguro.

Especialidade em ferros de soldar a gazolina, sistema alemão, o melhor e de maior resistencia até hoje conhecido.

Torneiras de latão de todas as qualidades, folha de flandres, zinco, ferro zincado, tubos de chumbo, de latão e de ferro, em todas as grossuras, latão e cobre em folha. Estes artigos vendem-se a retalho ou em quantidade, a

PREÇOS SEM COMPETENCIA

A ROUPA QUE VESTE A HUMANIDADE FOI COSIDA COM A MACHINA SINGER



## A SUPREMACIA DA MACHINA SINGER

tem sido sustentada e augmentada durante quarenta annos e na actualidade passam de

DOIS MILHÕES DE MACHINAS SINGER as que se fabricam e vendem annualmente

A ULTIMA CREAÇÃO EM MACHINAS PARA COSER

### SINGER "66,"

QUE REPRESENTA O RESULTADO DOS CONSTANTES ESFORÇOS EMPREGADOS DURANTE CINCOENTA ANOS PARA MELHORAR AS MACHINAS PARA COSER, REUNINDO-LHES QUANTOS APERFEIÇOAMENTOS PODEM SER DE UTILIDADE PRATICA



Estabelecimentos SINGER

em todas as cidades do

o mundo o o o



RUA D. FRANCISCO GOMES, 33 FARO

# PORTUGAL PREVIDENTE

Companhia de Seguros

CAPITAL 1.000.000\$000

SEGUROS DE VIDA (TODAS AS COMBINAÇÕES)

Seguros contra fogo

Seguros marítimos

Seguros de cristais

Seguros contra roubos

Seguros postaes

Seguros agricolas

AGENCIAS EM TODO O PAIZ E COLONIAS

Séde—Rua do Alecrim, 10—LISBOA

AGENCIA EM TAVIRA

PHARMACIA CUNHA 181

HOTEL MARCELLINO & ALGARVIO

PROPRIETARIOS

JOSÉ MARCELLINO & TAXINHA

RUA DA PADARIA, 52 53—LISBOA

Comida e cama a 800 e 1\$000 rs. Camas a 200 e 300 rs.

# LIVRARIA DAS NOVIDADES

DE ANTONIO DOS SANTOS CAPELLA

AGENCIA DE PUBLICAÇÕES LITERARIAS

RUA DA MARINHA N.º 15 -- FARO

Fornecimento completo de livros necessarios em todos os collegios e liceus

# Tipografia Democratica

RUA 1.º DE DEZEMBRO -- FARO

N'esta casa, aberta recentemente, imprimem-se com a maior perfeição e brevidade, e por preços excessivamente baratos, todos os trabalhos tipograficos, tais como: faturas, memorandos, prospectos, bilhetes de visita, modelos de repartições, folhetos, rotulos de farmacia, etc., etc., etc.

IMPRESSÃO DE

## LIVROS E JORNAES

N'este estabelecimento, que é sem duvida o melhor do Algarve, encontram-se á venda varias qualidades de papel de carta, quer ordinario quer de luxo, papel de officos, cartonado, almaço, etc., tambem por preços

SEM COMPETENCIA

ESPECIALIDADE EM PAPEIS TIMBRADOS E PARTICIPAÇÕES DE CASAMENTO

# F. S. SILVEIRA

ANTIGA CASA VIUVA SERZEDELO

Drogas e produtos quimicos, para farmacia e industria

IMPORTAÇÃO DIRETA

16--RUA DOS REMOLARES--18

LISBOA

SECCAO ESPECIAL DE VENDAS POR ATACADO

A PRASOS E A PRONTO PAGAMENTO

Expedição de qualquer encomenda com a maior brevidade

COMISSÕES E COMISIGNAÇÕES

LABORATORIO DE FARMACIA

# BANDEIRA & RAMOS

DIRETORES PROPRIETARIOS — FARMACEUTICOS PELA ESCOLA DE LISBO

SUCESSORES DA ANTIGA FARMACIA PIRES

FUNDADA EM 1805

RUA D. FRANCISCO GOMES, 40, 42 E 44

FARO

Fornecimento para Farmacias, Hospitales e Laboratorios

Tisana de Zittmann, formula modificada do dr. Constantino Cumano

Unicos agentes depositarios no Algarve de:

AGUAS DE VIDAGO:— (Vidago, Vidago n.º 2 e Sabroso)

AGUAS DE S. VICENTE (Entre-os-Rios), DA CURIA E DE VERIM (Espido)

## PREÇOS MODICOS

EXTRATO HEROICO

(Extrato fluido de origem vegetal)

Preparado pelo farmacutico Antonio Cardita O extrato heroico não é toxico e tem uma notavel ação hemostatica, sendo simultaneamente, um poderoso anti anorexico e tonico geral. E, por isso aconselhado não só aos tuberculosos, como aos anemicos, neurastenicos aos que sofrem da falta de appetite e aos debilitados por enfimidades prolongadas.

Aos revendedores e maiores compradores concedemos, quanto ás aguas, o mesmo desconto que dão os depositos de Lisboa, ficando a cargo do comprador o frete e o porte do camião de ferro, que são, respectivamente, 80 réis 240 réis por cada caixa, desde Faro a qualquer estacão até Villa Real de Santo Antonio ou Villa Nova do Portimão; despezas esta consideravelmente menor do que vindo as aguas directamente de Lisboa, pois n'este caso requeira por 1060 réis. Requisitando-as do nosso deposito, ha tambem a vantagem de se receberem quasi de um dia para o outro; e da não menos importante circumstancia da redução da despezas resulta poderem-se vender ao publico, em qualquer ponto do Algarve, pelos preços de Lisboa.

A SIFILIS É EVITAVEL

COM A POMADA HERMESIL

Preventivo contra as doenças venereas, ainda

que empregado 5 horas depois do coito suspeito.

# Tinturaria Lisbonense

ALBINO AUGUSTO

TINTUREIRO

Chegado ha pouco de Lisboa, onde durante 48 annos exerceu a sua profissão, tendo sido mestre de varias tinturarias d'aquella cidade, encarrega-se de tingir seda, lã e algodão em todas as cores; tingem-se capas de borracha pelo systema alemão, peles, roupas d'homem e vestidos de senhora sem que seja preciso desmanchal-os. Fazem-se lavagens espezias em vestidos, fatos e luvas, assim como lavagens a seco em toda a especie de roupas.

Tinge-se tambem fazendas em peça e fio lava-se lã para colchões, executam-se, emfim todos os trabalhos de tinturaria com a maxima perfeição e rapidez. Todas as roupas, por mais usadas que sejam, ficam perfeitamente novas.

Examine-se a cor no ato de entrega e se distinguir, restituí-se a importancia.—Preto para luto em 48 horas

RUA CASTILHO, 53-A—FARO

# ENSINO TEÓRICO E PRÁTICO

Tratado de Quimica Elemental (7.ª Edição). Um volume de 400

páginas no formato 22x15cm com 122 gravuras. (PREÇO—1\$500 réis.

Obra util e recomendada a todos os que desejam instruir-se nesta ciencia: as theorias quimicas são metódicamente tratadas em separado com a maxima clareza e bastante desenvolvimento; a parte descriptiva é rica na indicação de experiencias atraentes e preparações de verdadeiro interesse na vida pratica; e os problemas fundamentais da quimica elemental estão cuidadosamente tratados em secção especial acompanhados de modelos literais e exemplificações numeradas da disposição dos calculos. Este compendio foi adotado em seguida á sua primeira publicação em quasi todos os liceus e seminarios, no Instituto Industrial e Commercial do Porto, e em diversas escolas normais, industriais e agricolas.

Lições de Fisica do curso geral dos liceus e escolas normais (11.ª Edição).

Um volume de 396 páginas no formato 22x15cm com 400 gravuras. PREÇO—1\$200 réis.

Este compendio, dividido pedagogicamente em pequenas lições, foi preferido por unanimidade pela Commissão nomeada pelo Governo para o exame dos livros destinados ao ensino secundário apresentados no concurso de 1899, e seguidamente mandado adotar em todos as liceus por Decreto de 17 de novembro publicado no Diario do Governo n.º 261 do mesmo ano. Foi novamente proposto para o ensino no curso geral dos liceus pela Commissão official no concurso de 1909 (D. do G. n.º 192).—Cada lição é acompanhada de um questionario que substitue a presença de professor e facilita a revisão das materias estudadas. Alem disto, tambem no fim de cada lição, em cuja materia podem ter lugar applicações numeradas, se encontram enunciações de problemas muito facéis que notavelmente contribuem para a clara compreensão dos assuntos da respectiva lição.—Pelo seu methodo essencialmente indutivo experimental e pelo seu caracter elementarissimo, este compendio possui particulares vantagens para se adquirirem sem fadiga nem difficuldade as primeiras noções exatas da fisica, encontrando-se por isso adaptado não só ao curso geral dos liceus e ao curso das escolas normais, mas tambem ao ensino ministrado nos seminarios, nas escolas elementares industriais e nas de commercio e agricolas.

Tratado de Fisica Elemental (8.ª Edição). Um volume de IV-764 páginas no formato 22x15cm com 752 gravuras PREÇO—1\$800

Este excelente livro de Fisica foi preferido por unanimidade pela Commissão nomeada pelo Governo para o exame dos livros destinados ao ensino secundario apresentados no concurso geral de 1895, e seguidamente mandado adotar em todos os liceus por Decreto de 36 de setembro, publicado no Diario do Governo n.º 218 do mesmo ano. Foi novamente o unico livro proposto para o ensino liceal complementar pela Commissão official no concurso de 1909 (D. do G. n.º 192). Esta edição está inteiramente acomodada á revisão geral do estudo da Fisica nos liceus de harmonia com as instrucções que acompanham os programas do curso complementar, pois que, além das materias novas mencionadas nos programas da 6.ª e da 7.ª classe, contem as materias das classes anteriores, e termina com uma desenvolvida e metódica colação de problemas numerados acompanhados da indicação dos artigos da doutrina do texto a que se referem e das formulas empregadas na sua resolução.

Estas obras, que tem sido preferidas em concursos officiaes de livros de ensino e que estão vulgarizadas nas escolas de Portugal e do Brazil, acompanham os progressos das ciencias fisico-quimicas encontrando-se actualizadas com a inserção das doutrinas sobre as modernas e importantissimas descobertas, tais como a da fotografia das cores, da fotografia através dos corpos opacos ou raios X, das correntes d'alta frequencia, dos rádiocaudutores, da telegrafia sem fio e da radiactividade. Os principios e deducções theoricas, as experiencias demonstrativas, as applicações praticas e os problemas numerados, estão expostos por forma que imprimem a estas livros a sua caracteristica clareza e a moderna orientação pedagogica, tornando-os simultaneamente apropriados ao ensino teórico e pratico, á disciplina do espirito e aos trabalhos do laboratorio. São tambem livros uteis fora dos cursos escolares: o amator da fotografia encontra os conhecimentos suficientes (receitas e preceitos) para principiar a operar com segurança e bom resultado; o telegrafista encontra os conhecimentos das reacções dos corpos e da electricidade indispensaveis á sua profissão; e todas as pessoas que desejam adquirir noções dos fenómenos da natureza encontram elementos que devem satisfazer ás exigencias do seu espirito.

LISBOA Livraria Fern. Rua Nova do Almada, 70.—PORTO Livraria Chardron, Rua das Carmelitas, 114.—COIMBRA Livraria França Amado, Rua Ferreira Borges, 115.